BIOFILIA E A INFÂNCIA

ELAINE MANSANO

RESUMO
O tema do estudo é a inserção da Educação Ambiental para crianças pequenas a partir da perspectiva biofílica, no qual se destaca o conceito de Biofilia e sustentabilidade e são discutidos os benefícios da relação entre seres humanos e natureza. A atual crise ambiental vem fomentando a necessidade de se rediscutir como é oferecido a Educação Ambiental para as crianças pequenas, nesse contexto defende-se que a contribuição dos pressupostos da Biofilia para uma reaproximação entre as crianças e o meio ambiente. A questão norteadora do estudo é quais as possibilidades pedagógicas para a efetivação de Educação Ambiental com crianças pequenas a partir dos pressupostos da Biofilia? O objetivo geral do estudo é compreender a urgência em reaproximar as crianças da natureza e a importância em oferecer práticas pedagógicas significativas em educação ambiental. É um estudo de revisão bibliográfica com metodologia exploratória. Os resultados demonstram que apresentar para as crianças pequenas apenas as problemáticas ambientais não é o suficiente para desenvolver a interação e o vínculo com a natureza, é preciso incentivar e promover o convívio com a natureza, com todos os seres e processos, buscando assim desenvolver na criança amor e interação com a natureza, compreendendo-se também como parte dela.

Palavras Chave: Biofilia; Educação Ambiental; Infância; Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

O presente estudo traz a discussão sobre as possibilidades de promoção de um trabalho pedagógico com crianças pequenas sobre Educação Ambiental na perspectiva biofílica, destacando os benefícios biopsicossociais decorrentes da relação entre seres humanos e natureza e da necessidade de um processo educativo que promova vivências e práticas contextualizadas, levando a criança pequena a sentir-se parte integrante da natureza.
Ao longo do processo evolutivo foram observadas diferentes formas de compreender a natureza, inicialmente o contato foi instigado pela necessidade de sobrevivência, o qual gerou um sentimento que a natureza existia para servir aos seres humanos, contudo essa prática extrativista tem causado sérios problemas ao planeta, gerando uma crise ambiental, na qual todos sofrem com problemas gerados pelo distanciamento e desconexão com os elementos bióticos.
Diante das crises ambientais surgiu o termo Sustentabilidade, o qual revela a necessidade de buscar soluções diante dos graves impactos que a falta de preservação e conservação ocasionaram, a Educação Ambiental foi inserida nos currículos da educação básica como forma de conscientizar os estudantes sobre a necessidade de preservação do meio.
A Biofilia surge da necessidade de reconectar o ser humano com a natureza, antes de ensinar apenas a preservar é preciso ensinar a amar e cuidar. O líder indígena Aílton Krenak em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020) destaca que a humanidade se distanciou de tal forma da natureza que na contemporaneidade parece ser intransponível reverter a ideia de que os ambientes artificiais produzidos pelas corporações devoram rios e montanhas e isso levará a humanidade ao seu fim.
O estudo surgiu diante da observação do emparedamento das crianças nas áreas urbanizadas e da diferença entre a educação indígena e a educação tradicional no que se refere ao conhecimento e contato com a natureza. A questão que se pretende responder é quais as possibilidades pedagógicas em relação a Educação Ambiental para intervenções com crianças pequenas a partir dos pressupostos da Biofilia?
O objetivo geral do estudo é compreender a urgência em reaproximar as crianças da natureza e a importância em oferecer práticas pedagógicas significativas em educação ambiental, os objetivos específicos são: Apresentar o conceito de Biofilia e sustentabilidade; refletir sobre a Educação Ambien-

tal na primeira infância e destacar práticas pedagógicas na perspectiva da biofilia.

O conceito de Biofilia é entendido no presente estudo como norteador do desenvolvimento sustentável, defende-se que é possível conciliar o desenvolvimento urbano e uma relação de amor e de cuidado com a natureza e que esse sentimento deve ser oportunizado para as crianças pequenas como forma de desenvolver interações harmônicas entre as próprias e a natureza.

É um estudo de revisão bibliográfica com metodologia exploratória, dividido em duas seções, sendo a primeira dedicada a apresentar de forma breve os conceitos de sustentabilidade e biofilia e na segunda seção apresentam-se as possibilidades de Educação Ambiental a partir do conceito de Biofilia e discutem-se os equívocos no processo educativo em relação às práticas pedagógicas para a primeira infância. Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre o estudo e a relevância do tema para a educação ambiental para as crianças pequenas.

BIOFILIA, EDUCAÇÃO, INFÂNCIA: CONEXÕES E DESAFIOS

Ao longo do processo evolutivo as relações entre os seres humanos e a natureza sofreram diversas alterações e, se inicialmente as relações foram instigadas pela necessidade de sobrevivência, com o passar dos séculos e advento da agricultura essa relação passou a ser de controle, mesmo com as inúmeras inovações tecnológicas decorrentes do progresso, não extinguiram a "necessidade de conexão entre elementos bióticos e abióticos condicionantes da homeostase dos sistemas" e, após um período de afastamento observa-se na atualidade uma retomada gradual de atitudes positivas em relação a natureza (ZANATTA et al., 2019).

O biólogo norte americano Edward Osborn Wilson publicou a obra "Biophilia" (1984), na qual defendia que os seres humanos têm uma conexão inata com a natureza e demais seres vivos e essa afinidade natural influencia no comportamento e na saúde dos seres humanos. Dez anos após essa obra foi promulgada a Hipótese da Biofilia, a qual fundamentava a necessidade humana de interação com a natureza como forma de promoção e de bem-estar psicossocial e a vinculação destes espaços com a sensação de paz e de tranquilidade (ZANATTA et al., 2019).

A Biofilia é um conceito que integra ser humano e natureza e, mesmo sendo debatido internacionalmente, ainda tem pouco destaque nacionalmente, essencialmente é a conexão entre ser humano e natureza, em acordo com Trevisan e Oliveira (2024, p.3) "a integração e a harmonia com o meio ambiente são pressupostos para uma maior qualidade de vida".

O termo "biofilia" é originário do grego, combina "vida" (bios) e "amor" (philia) e, relaciona-se a "dependência intrínseca do ser humano em estar conectado aos elementos bióticos para promover seu bem-estar" (WILSON, 1984 apud TREVISAN e OLIVEIRA, 2024, p.3). Wilson (1984) defende ainda que essa conexão com a natureza não se dá somente para sua subsistência, mas deve acontecer como forma de desenvolvimento emocional, cognitivo, estético e espiritual (GRENNO e PROFICE, 2019).

A interação humana com o meio ambiente já passou por momentos distintos, os primeiros seres humanos possuíam uma profunda ligação com a natureza e respeito pela diversidade biológica como elemento condicionante de bem-estar. Ao longo dos séculos o ser humano vem perdendo esse vínculo profundo e usado à natureza de forma extrativista e as consequências desse afastamento vêm causando mudanças desastrosas para a natureza e para as espécies, conforme apontam Trevisan e Oliveira (2024).

Krenak (2020) alerta a importância de reconexão dos seres humanos com a natureza, contudo esclarece que as grandes corporações destroem o ambiente natural para a construção de shoppings e ambientes artificiais e inventam "kits" superinteressantes para manter os seres humanos alienados de tudo e, se possível tomando algum remédio. Ao observar grandes centros como Tóquio, Berlim, Nova York, Lisboa ou São Paulo é possível perceber que são reproduções uns dos outros, com suas torres cada vez mais altas e um enorme distanciamento da natureza:

"A humanidade vai sendo descolada de uma maneira absoluta desse organismo que é a Terra. Os únicos núcleos que ainda conside-

ram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio que esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade" (KRENAK, 2020, p. 21).

A perspectiva biofílica busca romper com a experiência humana meramente extrativista com o meio ambiente e defende a aproximação dos seres humanos com a natureza, Trevisan e Oliveira (2024) comentam que a biofilia busca possibilitar aos seres reviver o contato com a natureza de forma equilibrada e oportunizando bem estar, contudo conforme já apontado, o panorama atual não é nada positivo, pois o planeta passa por uma crise ambiental com mudanças climáticas globais, extinção de espécies, aumento da instabilidade climática nos centros urbanos, novas doenças, dentre outros prejuízos para a vida humana, sendo relevante a Educação Ambiental desde o início da escolarização (TREVISAN e OLIVEIRA, 2024).

A ruptura entre seres humanos e natureza sofreu grande impacto a partir da Revolução Industrial, com a migração em massa do campo para a os centros urbanos, resultou em um amplo processo de urbanização que "impactou e alterou os elementos naturais do ambiente em função da falta de planejamento urbano" (HERZOG, 2013 apud TREVISAN e OLIVEIRA, 2024, p.4).

A realidade mundial é a urbanização dos espaços, em acordo com o IBGE (2010), a estimativa é de que até 2050 duas em cada três pessoas viverão nos centros urbanos e no Brasil não será diferente, dessa forma em acordo com Tiriba e Profice (2019), seja em maior ou menor grau, "a natureza está cada vez mais distante das pessoas" e as crianças permanecem "emparedadas" em grande parte do dia interagindo com dispositivos eletrônicos e telas, aumentando ainda mais o distanciamento com a natureza.

O desenvolvimento infantil vem sendo afetado pelas condições sócio ecológicas do ambiente em suas dimensões biopsicossociais, seja no campo ou na cidade, e no contexto atual a natureza perde espaço com a urbanização crescente e o mais preocupante: perde a importância no dia a dia das pessoas, os seres, os processos e elementos da natureza sofrem negativamente, pois são percebidos como matérias mortas, apenas itens para aumentar a produção industrial e alimentar as demandas do mercado (TIRIBA e PROFICE, 2019).

Todos os seres são "modos de expressão da natureza que afetam e são afetados", Espinoza (2009) explica que todos vivem em estado de conexão e, nesse estado se potencializam, cada ser se distingue em potência e existem interligados entre si, constituindo assim a chamada "teia da vida", podem se potencializar ou se enfraquecer, dessa forma defende que o bom encontro é aquele que fortalece, alegra e o mau encontro é quando a interação fragiliza e entristece (ESPINOZA, 2009 apud TIRIBA e PROFICE, 2019).

Em acordo com Tiriba e Profice (2019) ao observar o movimento das crianças em direção aos espaços nos quais podiam brincar com a natureza foi fácil de perceber que a interação as alegrava, a atração pelo mundo natural e por seus processos, a busca por terra, água, pedrinhas, areia, arvores, ventos, maré ficava nítida (ESPINOZA, 2009 apud TIRIBA e PROFICE, 2019).

Na perspectiva de Espinoza as crianças são seres da natureza e simultaneamente são seres da cultura, elas se renovam a partir da interação com outros seres, com os ambientes naturais (seres humanos e não humanos, os fenômenos climáticos, montanhas, etc.) dessa forma necessitam de espaços de aprendizagem que as permitam o exercício de suas "potencialidades de auto expressão e auto expansão" em espaços que as alegram (TIRIBA e PROFICE, 2019, p.4).

Sob a perspectiva biofílica os seres humanos, em especial as crianças estabelecem como aspecto fundamental de desenvolvimento e bem estar a coevolução com os demais seres e sistemas vivos, contudo dentro de cada contexto sócio histórico cultural as sociedades podem oportunizar ou não a biofilia, assim comunidades que vivem em interação direta e cotidiana com os elementos da natureza tem mais oportunidades do que as que vivem em espaços urbanos (TIRIBA e PROFICE, 2019, p.4).

Já se sabe que as questões ambientais enfrentados na contemporaneidade são uma

realidade e destacam a urgência em refletir sobre as suas causas, bem como alternativas para seu enfrentamento, já se sabe que 50% do meio natural passou por transformação humana, 6 milhões de quilômetros quadrados (32,8%) de áreas protegidas sofrem intensa pressão humana, práticas como a intensificação da agropecuária, mineração, a concentração populacional em áreas urbanas, a construção de estradas e ferrovias são algumas das ações humanas que estão ameaçando o patrimônio natural do mundo (GRENNO e PROFICE, 2019).

A grande preocupação é o medo de o Planeta Terra chegar ao seu limite de forma irreversível tornando-se ameaça à própria sobrevivência da espécie humana, Grenno e Profice (2019, p.324) destacam que a natureza deixou de ser um marco inalterável da atividade humana, "já não é mais um elemento invariável, pelo contrário transformou-se num objeto de influência". As discussões sobre a vulnerabilidade da natureza ganharam força a partir de 1970 com a criação da Convenção das Nações Unidas para o Meio Ambiente em 1972, dessa forma a questão ambiental ganhou o público, já que os problemas são de toda a sociedade.

A busca por soluções diante dos graves impactos da crise ambiental, que já está afetando a todos os seres do planeta fez surgir o termo sustentabilidade, Feil e Schreiber, (2017) destacam ainda que o termo Sustentabilidade ganhou visibilidade quando teve início o colapso dos sistemas energéticos, tendo como conceitualização a:

Solução à escassez de recursos naturais desde a antiguidade, consolidando-se ao longo do tempo e da cultura humana, em busca de utilização desses recursos de forma contínua. O termo que se originou da expressão alemã "Nachhaltend" (longevidade), do francês "durabilité" (durável) e do holandês "duurzaamheid" e "duurzaam" (sustentável) (FEIL e SCHREIBER, 2017, p.2).

econhecer a importância de preservação e de interação com a natureza é um ideal de sustentabilidade que deveria der promovido desde a primeira infância, Trevisan e Oliveira (2024) defendem que para uma sociedade estar física e psicologicamente saudável fazem-se necessárias práticas sustentáveis, estilo de vida equilibrado e conexão com os elementos naturais e lembram que essa conexão está m consonância com a Declaração da Bioética e Direitos Humanos (UNICEF, 2006), a qual reconhece "a dimensão ecológica e suas conexões como elementos fundamentais da identidade individual" (UNICEF, 2006 apud TREVISAN e OLIVEIRA, 2024, p.3).

A pesquisa de Medeiros et al. (2011) destaca a fala de Nagib Anderáos Neto que diz "a base de toda a sustentabilidade é o desenvolvimento humano que se deve contemplar um melhor relacionamento do homem com os semelhantes e com a natureza" e defende a educação ambiental em crianças pequenas para que estas desenvolvam o vínculo com a natureza desde cedo.

Grenno e Profice (2019) destacam que a sustentabilidade pode ser observada a partir do conjunto de valores:

"Interação harmônica e equilibrada entre a dimensão ecológica (manutenção e preservação dos ecossistemas); a econômica (diminuição e eficiência no uso de recursos); e a social (equidade na distribuição dos benefícios e o direito de usufruir dos bens e serviços naturais sem prejudicar a futuras gerações). Esta última tende a melhoramento das qualidades de vida individuais e coletivas" (GRENNO e PROFICE, 2019, p. 326).

Avançar para uma sociedade sustentável requer seres humanos com consciência ética, responsabilidade ecológica, dispostos ao enfrentando das desigualdades socioambientais, nesse contexto defende-se aqui, em consonância com os autores que a mudança de comportamentos mais eficiente se dá pela educação para a sensibilização ambiental, ou seja, defende-se que seja necessário desenvolver a biofilia com as crianças desde cedo (GRENNO e PROFICE, 2019).

No Brasil desde 1981 foi promulgada a Política Nacional de Meio Ambiente - PNMA (Lei nº 6.938, de 1981), em 1996 por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 1996) a qual insere a Educação Ambiental nos currículos do Ensino Fundamental de forma transversal (BRASIL, Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA, 1999). Em 1992 foi realizada a Rio-92, sediada pelo Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desen-

volvimento (MEDEIROS et al.; 2011).
A Educação Ambiental surge então como resposta na tentativa de mudanças de comportamento entre os seres humanos e o meio ambiente, tem o intuito de problematizar as questões relacionadas à destruição do meio ambiente e o desenvolvimento social e econômico, e, mais importante ainda, busca ainda promover reflexões sobre as relações dos seres humanos com a natureza. Grenno e Profice (2019) destacam que somente com o vínculo entre pessoa e natureza é possível reverter a atual problemática, pois ao gerar conhecimento sobre o ambiente a vontade de preservar desenvolverá a interação harmônica.
Diante desse contexto, as instituições escolares tem um papel crucial no desenvolvimento de consciência pela conservação ambiental, revertendo assim os prejuízos dos impactos do estilo de vida atual na preservação da natureza, Wilson (1984) alerta que é preciso possibilitar a participação ativa de todos na resolução dos problemas ambientais trazendo essas questões para o cotidiano, promovendo experiências significativas e contato afetivos e cognitivos com a natureza, de forma a desenvolver um sentimento biofílico, e mais importante, devem promover essas interação harmoniosa e amor antes de pedir que salvem o meio ambiente (WILSON, 1984 apud GRENNO e PROFICE, 2019), daí sua importância desde a educação de crianças pequenas.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO BIOFÍLICO: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA

A Educação Ambiental nas escolas pode contribuir de forma positiva com a mudança de hábitos nos alunos e sua relevância consiste no fato de, desde a primeira infância desenvolver nos pequenos a interação com a natureza, pois após a criação do vínculo será possível incentivar uma postura ética frente à urgência que é cuidar do planeta. Educar sob a perspectiva biofílica não consiste em criar uma nova disciplina, mas sim um conteúdo curricular que pode ser oferecida de forma contínua e permanente, desde a Educação Infantil até os anos finais da escolaridade, e sua importância se deve as questões urgentes que permeiam o convívio ser humano e natureza.
A violência tem sido responsável por uma mudança de hábitos e por emparedar as crianças em suas casas, que consiste nos pequenos ficarem trancados em casa diante da televisão ou com seus aparatos eletrônicos, afastando-os dos ambientes naturais, em acordo com Alves (1999), dificultando uma interação harmoniosa com a natureza:
"Há crianças que nunca viram uma galinha de verdade, nunca sentiram o cheiro de um pinheiro, nunca ouviram o canto do pintassilgo e não tem prazer em brincar com a terra. Pensam que a terra é sujeira. Não sabem que terra é vida" (ALVES, 1999 apud MEDEIROS et al., 2011, p.2).

Na pesquisa de Tiriba e Profice (2019) são analisadas as vivências das crianças na natureza e quais suas repercussões para o desenvolvimento biopsicossocial, partem dos conceitos postulados por Espinosa e defendem que tudo se constitui a partir da natureza, no qual os seres humanos são seres da natureza e de cultura, o estudo ouviu crianças de etnias indígenas, urbanas e estrangeiras sobre seus conhecimentos ecológicos para compor diretrizes do trabalho com educação ambiental e direitos humanos (TIRIBA e PROFICE, 2019).
O Projeto envolveu Brasil, Colômbia, Chile, Peru e Venezuela e teve como foco a elaboração e a implementação de políticas públicas que norteassem professores em consonância com os modos de vida de suas comunidades. Os Tupinambás de Olivença são habitantes do litoral sul da Bahia, há nos dias atuais por volta de 4.300 indígenas divididos em 23 aldeias/comunidades no município de Ilhéus, Buerarema e Uma, desde 2002 são reconhecidos como etnia pelo governo federal, contudo mesmo lutando pela demarcação de terras há décadas a situação se encontra pendente.
As atividades aplicadas pelos educadores eram realizadas nos espaços naturais externos à escola, permitindo assim maior contato com elementos naturais, também são oportunizadas atividades da escola convencional não indígena, como o uso do quadro negro, uso do caderno, mas as atividades

possibilitam dar continuidade às tradições indígenas (TIRIBA e PROFICE, 2019).

As crianças observadas pelas pesquisadoras demonstravam alegria em estarem em espaços ao ar livre, de ter contato com elementos da natureza, essas interações revelam a plenitude biofílica, sendo assim a intervenção positiva é aquela que defende essa proximidade como direito humano, já que conforme apresentado, o convívio com os elementos naturais afeta as crianças, que também são afetadas por essas trocas e destacam que se a natureza assegura "a possibilidade de perseverarem em sua integridade de ser, a conexão com a natureza é um direito da criança" e, para tratar a natureza com amorosidade necessitam "vivências amorosas com a natureza (TIRIBA e PROFICE, 2019, p. 8).

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) definem as crianças como seres de direito, sendo assim, sob a perspectiva legal, é dever das escolas incluir em seus Projetos Político Pedagógico a escuta infantil e oferecer espaços e tempos para a expressão da atração inata das crianças pelo universo natural, contribuindo assim para ampliar a percepção de si próprio como parte integrante deste universo (TIRIBA e PROFICE, 2019).

Diante dessa constatação, é importante que os conteúdos trabalhados de forma interdisciplinar sobre Educação Ambiental não fiquem apenas em aulas expositivas, ao contrário precisam trabalhar com atitudes, formação de valores e ações práticas que oportunizem aos pequenos vivenciar o cuidado com os elementos naturais dando início a uma relação que pode levar as crianças a amar, respeitar e cuidar de seu entorno (MEDEIROS et al.; 2011).

Krenak (2020) cita Boaventura dos Santos ao defender que a ecologia dos saberes também deveria integrar as experiências cotidianas, inspirar as escolhas de cada comunidade sobre qual é o lugar em que se quer viver e assim romper com essa ideia de humanidade homogênea, como diz José Mujica que vem transformando as pessoas em "consumidores", não mais em cidadãos e as crianças, são desde cedo ensinadas a serem clientes:

"Não tem gente mais adulada que o consumidor. São adulados até o ponto de se tornarem imbecis, babando. Então, para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Esta ideia dispensa a experiência de viver uma terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões" (KRENAK, 2020, p. 25).

Os educadores são importantes agentes de mediação entre o conhecimento e as questões ambientais, além disso, são os responsáveis diretos por proporcionar atividades de qualidade no processo de construção de conhecimentos, dessa forma é importante oferecer a proposta de Educação Ambiental a partir do entorno da escola, aproveitando a cultura local, oferecendo experiências práticas sobre como a comunidade cuida do meio ambiente e qual a sua realidade, Medeiros et al., (2011) defende que:

"Buscar junto com os discentes mais informações, com o objetivo de desenvolver neles uma postura crítica diante da realidade ambiental e de construírem uma consciência global das questões relativas ao meio ambiente" (MEDEIROS et al.; 2011).

De acordo com a UNESCO (2005, p. 44 apud MEDEIROS, et al.,2011, p.3), "Educação ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos adequadamente", contudo é preciso mais que isso, é necessário criar vínculo com a natureza. A pesquisa de Medeiros et al. (2011) destaca a fala de Nagib Anderáos Neto que diz a base de toda a sustentabilidade é o desenvolvimento humano que se deve contemplar um melhor relacionamento do homem com os semelhantes e com a natureza" e conclui seu estudo defendendo a educação ambiental em crianças pequenas para que estas desenvolvam o vínculo com a natureza desde cedo.

No Brasil existe uma discrepância entre o que determina a lei e a realidade da educação ambiental nas instituições escolares, muitas vezes, a temática ambiental fica para as disciplinas de Geografia e Ciências, ou dentro de datas comemorativas como o Dia da Árvore e Dia do Meio Ambiente, afastando

assim seu caráter interdisciplinar e negando aos pequenos interações que oportunizem práticas significativas e desenvolvimento do sentimento biofílico, que os aproximaria cada vez mais da natureza, conhecendo as espécies, os processos naturais e buscando reconexão (MEDEIROS et al., 2011).

O Brasil é um dos países que apresentam uma megadiversidade, dentro de um seleto grupo de 12 nações que abrigam 70% da biodiversidade total do planeta. Há inúmeros conteúdos que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar (MEDEIROS et al., 2011), contudo devem ser trabalhados partindo da relação-interação entre a criança e o ambiente, pois quando não se tem as sociedades eliminam a natureza da vida das crianças, estas se sentem fragilizadas e tem prejuízos em sua saúde e bem estar (TIRIBA e PROFICE, 2019).

"A vivência se dá no encontro, na situação vivida e no modo de se afetar por ela" (TIRIBA e PROFICE, 2019, p.6), e, em consonância com as autoras, defende-se nesse estudo que as crianças precisam vivenciar a natureza para fortalecimento de vínculo com o ambiente natural, conhecimento dos seres e dos processos naturais para que, a partir da biofilia amem e cuidem do planeta por sentirem parte integrante de tudo.

CONCLUSÃO

Após o contato com a bibliografia sobre a temática Biofilia para crianças pequenas é possível concluir que apresentar apenas as problemáticas ambientais não é o suficiente para desenvolver a interação e o vínculo com a natureza, em acordo com os autores aqui citados é preciso antes de mais nada incentivar o convívio com a natureza, com todos os seres e processos, buscando assim desenvolver na criança amor e interação com a natureza, compreendendo-se também como parte dela.

Há diferentes formas de se compreender a natureza, dependendo da época e da cultura de cada sociedade, há algumas décadas os cientistas vem demonstrando que a forma extrativista de se compreender a natureza vai acabar com a vida humana no planeta, pois as reservas naturais não aguentarão muito tempo e a crise ambiental atual está diretamente relacionada com o descaso com a natureza, o consumo desenfreado e o distanciamento dos seres humanos de sua própria essência.

Na pesquisa de Tiriba e Profice (2019) reforça a importância da tradição indígena no contanto com a natureza e aponta-se que a diferença na educação dos povos indígenas que consiste em compreender as crianças como legitimas guardiãs do conhecimento tradicional, sem antes esperar por sua maturação cognitiva ou a prontidão para aprendizagem, ao contrário os Tupinambás (povo observado na pesquisa) permitem interação direta e contínua com os seres e os processos naturais, além de participarem de todas as práticas culturais o que leva as crianças a desenvolverem o sentimento biofílico desde cedo. Contudo, nas cidades, as crianças estão cada vez mais distantes do convívio com a natureza.

Na educação básica brasileira para crianças pequenas ainda são observados equívocos em relação à Educação Ambiental, conteúdos descontextualizados com a realidade da criança, atividades apenas em datas comemorativas, contudo o presente estudo defende que somente pela educação será possível conscientizar os seres humanos sobre a necessidade desse retorno ao ambiente natural, assim como os povos indígenas ensinam, não é possível cuidar de algo sem sentir-se conectado, e, nesse entendimento educar sob a perspectiva biofílica, pode ser a diferença na compreensão do meio ambiente pelas crianças.

A reflexão aqui apresentada tem o intuito de ampliar as discussões sobre o trabalho em Educação Ambiental para crianças pequenas, contribuindo assim para intervenções mais significativas, práticas atentas aos desejos infantis e, especialmente, uma educação com base nos aportes da Biofilia, promovendo essa reconexão entre seres humanos e natureza.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394 de 1996. Lei que estabelece Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/index.

php?option=content&task=view&id=120. Acesso em: nov. de 2024.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF/, 1998. PDF.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, Secretária de educação básica: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-9769diretrizescurriculares2012&category_slug=janeiro2012pdf&Itemid=30192 Acesso em: nov. de 2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Educação é a base. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: nov. de 2024.

BRASIL. Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Lei altera a Lei n.9.394 de 1996 que estabelece diretrizes e bases para a educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dá outras providências. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12796&ano=2013&ato=69dMTQU50MVpWTb0b Acesso em: nov. de 2024.

BRASIL. Portaria nº 262 de 31 de agosto de 2011. Estabelece as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches. Diário da União. Disponível em: https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/262-2011-671660 Acesso em: nov. de 2024.

FEIL, Alexandre A.; SCHREIBER,Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. Cadernos EBAPE-BR, v.15, n.3, jul, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/hvbYDBH5vQFD6zfjC9zHc5g/# Acesso em: nov. de 2024.

GRENNO, Fernando H.; PROFICE, Christiana C. Experiências diretas da criança com a natureza – educar para a sustentabilidade. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande -FURG, v.36, n.1, 2019. PDF.

KRENAK, Aílton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

LEMES, Mariana B. A Biofilia na educação de crianças: uma pesquisa narrativa decolonial. Santa Maria, RS, 2022. TCC. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26917/TCC%20de%20Gradua%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: nov. de 2024.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de; et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. Revista Faculdade Montes Belos, v. 4, n. 1, set. 2011. PDF.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana C. Crianças da natureza: vivências, saberes e pertencimento. Educação e Realidade, seção temática: infâncias e educação das relações étnicas raciais, v. 44, n.2, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/cG43TCFnqws8YkRvx8gqMkD/# Acesso em: nov. de 2024.

TREVISAN, Elisaide; OLIVEIRA, Suziane C. S. de. Contribuições da Biofilia para o desenvolvimento sustentável. Veredas do Direito, n. 21, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/vd/a/BnLTmKhNCpXF8x3nMKWxPcn/ Acesso em: nov. de 2024.

ZANATTA, Amanda A. et al. Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. Saúde em debate, v. 43, n.122, jul/set, 2019. Disponível em: https://qa1.scielo.br/j/sdeb/a/SK98z3dSgbxcPSNVtdzbf7g/?lang=pt Acesso em: nov. de 2024.